

Considerações Finais

Escrevendo em 14/03/1951 a seu amigo e executor testamentário, Rush Rhees, L. Wittgenstein diz o seguinte, referindo-se a certa resenha crítica de uma coletânea então recentemente publicada:

Wisdom recebia ali um elogio especial por conta de uma observação que vem diretamente de mim. Sempre que vejo um caso óbvio de roubo, acho muito desagradável; embora talvez já devesse estar completamente acostumado.

[*Apud* Schmidt, 1999]

A situação descrita acima nos ajuda a sintetizar o movimento e o resultado da investigação aqui proposta. Tivemos por objetivo analisar o fenômeno do plágio textual sob a ótica do pragmatismo de inclinação wittgensteiniana. Nossa hipótese foi a de que a adesão a perspectivas não-imanentistas pode conviver com a manutenção da crença de que o plágio tem uma identidade diferenciada. A situação descrita acima ilustra essa convivência na própria biografia de Wittgenstein.

Ele que tão bem nos ajuda a entender que o sentido não habita a letra, que aquilo que as palavras significam não é função do que elas representam “*em si*”, fica, no entanto, indignado com a ocorrência de plágios de idéias/palavras *suas*. Como Alfred Schmidt nos lembra, a dificuldade de comprovação da autoria das idéias do citado pensador é enorme, uma vez que “[...] apesar da grande influência que exerceu em Cambridge naquele tempo, não publicou, depois do *Tractatus*, uma única linha dedicada às suas novas idéias. (Schmidt, 1999). O fato de que é difícil estabelecer *na realidade* a autoria de Wittgenstein não nos impede, no entanto, de aplicar nosso conhecimento gramatical acerca da palavra *plágio* – vale dizer nosso conhecimento acerca do lugar do plágio em nossa forma de vida – para dar sentido a esta situação.

E é com a consciência de que os critérios embutidos nessa gramática não têm uma transparência e uma congruência maiores (ou menores) do que as nossas

práticas, que podemos talvez compreender, também, a presença na biografia de Wittgenstein de uma atitude oscilante com respeito ao plágio, patente quando comparamos os prefácios de suas duas maiores obras (cf. Schmidt, 1999): No *Tractatus* ele afirma:

O que escrevi aqui não tem, no pormenor, absolutamente nenhuma pretensão de originalidade; também não indico fontes, porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei.

Já nas *Investigações*, ele nos diz:

Até há pouco renunciara a idéia da publicação do meu trabalho em vida. Tal idéia, contudo, era reavivada de tempos em tempos, principalmente porque tomava conhecimento de que meus resultados, divulgados em preleções, circulavam muitas vezes mal compreendidos, mais ou menos trivializados ou mutilados. Com isso, irritou-se minha vaidade e deu-me trabalho acalmá-la.

A ambivalência entre atitudes semelhantes a essas com respeito à autoria e à originalidade é, como vimos, amplamente testemunhada na história do conceito de plágio. Faz parte do esclarecimento conceitual que se buscou construir aqui perceber, com a ajuda de Wittgenstein, que tanto a indiferença quanto a indignação com respeito ao plágio supõem o *reconhecimento* do lugar que esta prática ocupa em nossos jogos de linguagem. Nesse sentido, ambas as atitudes testemunham a sua identidade.

Retomemos, a título de fechamento, o percurso que nos trouxe até aqui.

Como pano de fundo teórico para a discussão de nosso objeto, começamos por delinear aspectos relevantes da tensão entre imanentismo e anti-imanentismo, presente na história das reflexões sobre o significado pelo menos desde a Antiguidade. Tal pano de fundo, incluiu a caracterização geral de três caminhos de forte tradição na História do pensamento ocidental acerca do funcionamento da linguagem. Destacamos e apresentamos, em seguida, a perspectiva wittgensteiniana de linguagem, que escolhemos para nortear o trabalho, com ênfase na apresentação dos conceitos aqui mais relevantes: *jogo de linguagem*, *forma de vida*, *gramática*, *regras*, *semelhança de família*, *explicação*.

Posteriormente, dedicamo-nos a apresentar o nosso objeto de investigação, o plágio textual, identificando algumas de suas marcantes características, considerados os planos linguístico, histórico e jurídico, bem como suas interpenetrações. Situamos então a discussão do plágio no contexto maior da

tensão entre imanentismo e não-imanentismo anteriormente discutida e apresentada. Destacamos nessa análise a ambivalência com respeito às possíveis atitudes diante do plágio e a abertura para a postura cética associável, entre outras coisas, à disseminação do ideário anti-imanentista.

Com base no conceito wittgensteiniano de *critério* e em discussões desenvolvidas por comentadores da obra deste filósofo, em especial em resposta à ameaça cética – que vimos presente ao longo de toda a nossa pesquisa –, pudemos sentir o peso histórico do questionamento cético e, de certo modo, a sua paradoxal aliança com uma visão essencialista da linguagem, uma vez que a dúvida cética se apresenta como alternativa justamente quando ao colocarmos em xeque o tipo de estabilidade oferecida por essências fixas. Trazendo para o campo da discussão sobre o plágio as reflexões wittgensteinianas sobre critério e ceticismo, vimos, no entanto, que a crença na flutuação dos sentidos e o entendimento dos critérios também como algo não-fixo não nos levam obrigatoriamente à retirada do consentimento, como parecem sugerir os céticos, não inviabilizam o conhecimento ou a comunicação humana, não ameaçam a identidade do plágio.

Pelo contrário, como já se disse, vimos que os critérios têm estabilidade e precisão de igual medida à de nossas práticas. E assim voltamos a reconhecer que o fato de não serem esses critérios feixes de propriedades que garantem a essência de algo (do plágio, por exemplo) pode ser encarado como muito arbitrário, o que, novamente, representaria uma abertura à atitude cética. No entanto, vimos – em muitos momentos, mas especialmente no exercício descritivo com que fechamos o percurso – que o que conta como plágio para nós é algo que tem alguns traços mais ou menos recorrentes, e que esses traços podem variar de acordo com as circunstâncias de aplicação sem comprometer a identidade do plágio.

Esperamos, com esse trajeto, ter sido possível demonstrar o impacto da perspectiva wittgensteiniana sobre a análise específica de nosso objeto, assumindo-se a pertinência de um posicionamento diante da significação lingüística que não prevê uma relação objetiva entre palavra e significado.

Não seria justo terminarmos a presente investigação sem registrar, contudo, que a densidade do objeto analisado e do panorama teórico sob o qual o analisamos é inversamente proporcional em tamanho ao tempo e ao espaço disponíveis para o desenvolvimento deste trabalho. Achamos que o nosso objetivo foi cumprido: fizemos de fato uma investigação *gramatical* sobre o plágio textual

sob o ângulo de uma perspectiva wittgensteiniana, salientando algumas virtudes de se adotar essa perspectiva nas discussões sobre critérios de indentidade para o plágio.

Mas muitas questões ficam a ser desenvolvidas, e aqui registramos alguns desses pontos, para trabalhos futuros: caberia analisar, por exemplo, a flutuação entre critérios e sintomas (especificamente sobre o plágio e de uma forma mais ampla); os deslocamentos em conceitos como os de *autoria*, *referência*, *citação* em tempos em de uma disponibilidade tão ampla de informações; a presença e o impacto do essencialismo no atual movimento de proteção contra o plágio desenvolvido pelas instituições de ensino; os critérios embutidos nos manuais anti-plágio fornecidos pelas universidades com o intuito de reduzir as ocorrências de plágio em tempos de Internet.

Poderíamos citar outros tantos pontos. Nossa contribuição, no entanto, parece ter sua validade confirmada, sobretudo considerando-se que se tratou aqui de um assunto consensualmente polêmico e de importância na contemporaneidade à luz de um arcabouço teórico largamente profícuo em relação ao tema central de nossa pesquisa.